

*Finale: Dez sugestões para uma
contínua
descolonização do inconsciente*



Finale:
Dez sugestões para uma contínua
descolonização do inconsciente⁵³

Para encerrar, deixo aqui dez sugestões para os inconscientes que protestam na ânsia por descolonizar-se do seu regime antropo-falo-ego-logocêntrico.

1. **Desanestesiarmos a nossa vulnerabilidade às forças** nos seus diagramas variáveis, potência da subjetividade na sua experiência fora-do-sujeito;
2. **Ativar e desenvolver o saber eco-etológico ao longo da nossa existência:** a experiência do mundo na sua condição de vivente, cujas forças produzem efeitos no nosso corpo, o qual pertence a essa mesma condição e partilha-a com todos os elementos que compõem o corpo vivo da biosfera;
3. **Desobstruir cada vez mais o acesso** à paradoxal e tensa experiência do **estranho-familiar**;
4. **Não negar a fragilidade** resultante da desterritorialização desestabilizadora que o estado estranho-familiar promove inevitavelmente;
5. **Não interpretar a fragilidade desse estado instável e o seu desconforto como «coisa má»**, nem projetar sobre este mal-estar leituras fantasmáticas (ejaculações precoces do ego, provocadas pelo seu medo de desamparo e falência, e consequências imaginárias: o repúdio, a rejeição, a exclusão social, a humilhação, a loucura). Tais projeções são portadoras de falsas explicações para a causa do mal-estar, o qual é sempre associado a um suposto erro e, portanto, à culpa, nossa ou de um outro, seja ele quem for;
6. **Não ceder à vontade de conservação das formas de existência** e à pressão que esta exerce contra a vontade de potência da vida no seu

⁵³ Tais sugestões foram retiradas das versões originais dos dois primeiros ensaios publicados neste livro.

impulso de produção de diferença. Pelo contrário, procurar sustentar-se no fio ténue desse estado instável até que a imaginação criadora construa um modo de corpo-expressão que, por ser portador da pulsação do estranho-familiar, seja capaz de atualizar o mundo virtual que essa experiência anuncia, permitindo assim que as formas agonizantes acabem de morrer;

7. **Não atropelar o tempo próprio da imaginação criadora**, para evitar o risco de interromper a germinação de um mundo. Tal interrupção torna a imaginação vulnerável a deixar-se expropriar pelo regime colonial-chulístico que a desvia do seu destino ético. É neste desvio que ela é capturada e tende a submeter-se ao imaginário que tal regime nos impõe sedutoramente, o que a torna totalmente estéril. É que no lugar do exercício da criação do novo (exigido pela vida), a imaginação passa a reduzir-se ao exercício da sua capacidade criativa (dissociada da vida) para produzir novidades, as quais multiplicam as oportunidades para os investimentos de capital e excitam a vontade de consumo numa velocidade exponencial;
8. **Não abrir mão do desejo na sua ética de afirmação da vida**, o que implica mantê-la o mais possível fecunda a cada momento, fluindo no seu processo ilimitado de diferenciação de formas e valores;
9. **Não negociar o inegociável**: tudo aquilo que representa um obstáculo à afirmação da vida, na sua essência de potência de criação. Aprender a distingui-lo do negociável: tudo aquilo que se poderia aceitar e reajustar porque não debilita a força vital instituinte mas, pelo contrário, gera as condições objetivas para que se produza um acontecimento, cumprindo-se assim o seu destino ético;
10. **Praticar o pensamento na sua plena função**: indissociavelmente ética, estética, política, crítica e clínica. Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro (humano e não humano), modo de existir – sempre que a vida assim o exigir.

É evidente que as sugestões que acabam de ser evocadas não pretendem ser um receituário para se atingir uma suposta «cura» dos efeitos patológicos da nossa cultura, numa espécie de messianismo clínico-artístico-micropolítico, que viria substituir o tão combalido messianismo macropolítico contido na utopia revolucionária – ambos herdeiros da ideia de paraíso onde a vida encontraria, enfim, a suposta estabilidade eterna.

Esse trabalho de bricolagem de si, do qual depende a descolonização na esfera micropolítica, jamais alcança a sua plena e definitiva realização. Ao longo da nossa existência, face a novas tensões resultantes de novos diagramas de força, oscilamos entre posições variadas e variáveis num amplo leque de micropolíticas, das mais ativas às mais reativas. Estamos sempre diante do desafio de combater a tendência reativa em nós mesmos e nas nossas relações (tendência dominante na nossa cultura): o desafio de não nos submetermos ao poder dos fantasmas que nos trazem de volta ao nosso personagem habitual na cena colonial-capitalística. E se precisamos de sair desse personagem é porque ao desempenhá-lo participamos das relações de abuso através do nosso próprio desejo, seja qual for a nossa posição nas mesmas. A descolonização do inconsciente implica um constante esforço para desmanchamos esse personagem, nos reapropriarmos da pulsão e, por ela guiados, criarmos novos personagens que estejam à altura da vida, encarando a sua potência de variação transfiguradora.

O enfrentamento deste desafio requer um trabalho infinito de cada um e de muitos, pois, como uma praga, esse regime de inconsciente não para de alastrar-se por todo o planeta, contaminando as subjetividades e levando o desejo a desviar a pulsão vital do seu destino ético.

É neste horizonte que se situam as ideias aqui partilhadas. Que sejam descartadas aquelas em que as palavras que as dizem, distraídas, se separaram imprudentemente da sua alma.